

ENTRE O ECLETISMO E O MODERNISMO: A RACIONALIZAÇÃO DA RESIDÊNCIA BURGUESA EM SÃO PAULO

ENTRE EL ECLECTICISMO Y EL MODERNISMO: LA RACIONALIZACIÓN DE LA RESIDENCIA BURGUESA EN SÃO PAULO

Rogério Novakoski

Resumo

Este artigo analisa as mudanças nos programas funcionais das residências da burguesia paulistana e no modo de vida dessa sociedade, desde o início do século XX, com o surgimento das mansões neocoloniais racionalizadas, até a década de 40, antes da exposição “*Brazil Builds*”, no MoMA (Museu de Arte Moderna), em Nova York, quando poucos projetos pontuais de residências modernistas eram aceitos pela nova burguesia industrial paulistana e também por jovens intelectuais defensores do movimento modernista. Esse período de transição do Ecletismo ao Modernismo trouxe importantes transformações na forma e no programa funcional da arquitetura residencial burguesa, assim como na maneira de viver, dentro e fora da casa, influenciada pela cultura norte-americana e imersa nas novidades tecnológicas do século XX.

Palavras-chave: burguesia, arquitetura, residência, São Paulo

Abstract

This article analyzes the changes in the functional programs of the houses of the São Paulo city bourgeoisie and the way of life of that society, from the early twentieth century, with the rise of rationalized neo-colonial mansions, until the 40s, before the exhibition "Brazil Builds", at MoMA (Museum of Modern Art), in New York, when only few specific projects of modernist homes were accepted by the new industrial bourgeoisie and also by intellectuals supporters of the modernist movement. This transition period of Eclecticism to Modernism brought important changes in bourgeois residential architecture, as well as the way of life, inside and outside the home,

influenced by American culture and immersed in the technological innovations of the twentieth century.

Keywords: bourgeoisie, architecture, house, São Paulo

Resumen

Este artículo analiza los cambios en los programas funcionales de las residencias de la burguesía de São Paulo y la forma de vida de la sociedad, desde principios del siglo XX, con el auge de las mansiones neocoloniales racionalizados, a los 40, antes de la exposición " Brasil Builds", en el MoMA (Museo de Arte Moderno), de Nueva York, cuando un par de proyectos específicos de residencias modernistas eran aceptadas por la nueva burguesía industrial y también por jóvenes intelectuales partidarios del movimiento modernista. Este período de transición del Eclecticismo a Modernismo mostró cambios importantes en la forma y el programa funcional de la arquitectura residencial burguesa, así como la forma de vida, dentro y fuera del hogar, influenciados por la cultura americana, y sumergidas en las innovaciones tecnológicas del siglo XX.

Palabras clave: burguesía, arquitectura, residencia, São Paulo

1. O café, a indústria e a cidade moderna

Entre os anos de 1890 e 1900, o estado de São Paulo teve um grande crescimento na quantidade de produtores de café: o número passou de 220 mil para 520 mil. Esse aumento não ocorreu somente no Brasil, gerando a saturação do mercado mundial do café, com a consequente queda brusca de seu valor. Muitos fazendeiros endividados perderam a segurança do investimento na área rural, e tanto os proprietários de fazendas quanto os trabalhadores da terra passaram a interessar-se pelo crescente mercado industrial (MORSE, 1970).

A cidade de São Paulo passou a ser o foco dessa industrialização e a cidade mais importante do país. Os principais motivos que levaram a essa situação foram: a existência da rede de estradas de ferro que ligava São Paulo ao porto de Santos; um mercado acessível e populoso; o acesso fácil da matéria prima nacional e estrangeira; a grande quantidade de mão de obra; a facilidade de obtenção de energia elétrica; e uma classe empresarial com capital necessário para grandes investimentos, conquistado no auge do café (MORSE, 1970).

Mesmo com o sucesso da capital paulista no setor industrial, o estado de São Paulo continuava tendo no café o principal produto da economia agrícola, apesar de, a partir da segunda década do século, muitos fazendeiros paulistas já terem abandonado a monocultura cafeeira e investido em outros produtos como: laranja, algodão, arroz, feijão, amendoim, milho, batata, mandioca, mamona, entre outros.

O novo século iniciou com Higienópolis sendo o bairro mais luxuoso e elegante e o ponto de encontro da elite paulistana. A Avenida Paulista continuava sendo o mais belo *boulevard* da cidade, repleto de belíssimos palacetes, que atestavam a prosperidade econômica da cidade, deixando maravilhados até mesmo os visitantes europeus.

Durante a Primeira Grande Guerra, as construções residenciais na cidade quase pararam. Mas, a partir do fim dessa guerra, apareceram novos loteamentos afastados do centro de São Paulo, destinados às famílias mais abastadas. Bairros como Pacaembu, Alto da Lapa, Perdizes, Mirandópolis, Jardim Europa e Jardim América vendiam a imagem de loteamentos com uma “paisagem do campo”, um “ar saudável”, muito conforto e *status*, sem deixar de lado a importância da proximidade ao centro comercial da cidade.

Nesse período pós-guerra, outros símbolos de *status* passaram a ser determinantes para a sociedade paulistana: a utilização da energia elétrica nas residências, o acesso à rede de bondes

elétricos e o uso do automóvel, que, além de um importante meio de transporte, passou a ser visto também como um símbolo de riqueza.

2. A arquitetura neocolonial em São Paulo

Na segunda década do século XX, os palacetes ecléticos continuavam sendo minoria na cidade, pois realmente representavam a arquitetura de uma elite. Apesar disso, eles se apresentavam ainda como peças influentes para as classes inferiores, que os viam como modelos ideais de arquitetura, decoração e do modo de vida de seus proprietários. No entanto, esse estilo arquitetônico das residências da burguesia paulistana passou a demonstrar algumas transformações devido à dificuldade de acesso aos materiais construtivos europeus e à mão de obra de qualidade. A decoração no modelo eclético também já manifestava o seu desgaste (HOMEM, 2010).

Diante disso, começou a surgir, como novidade, a arquitetura neocolonial em São Paulo. Esse estilo fazia parte ainda do movimento eclético, porém com a proposta de resgatar a arquitetura e a decoração da época colonial, de origem portuguesa, sendo praticado de maneira tímida e pontual na construção de residências da elite paulistana durante a Primeira Guerra (LEMOS, 1996). Porém, na década de 20, o estilo neocolonial foi difundido e conquistou a alta e a média classe social paulistana. O movimento neocolonial demonstrava a vontade, na época pós-guerra, de criar uma identidade arquitetônica no país, perante um contexto de transformações da sociedade e da cultura material, em reação aos muitos anos de importação de diversos estilos europeus. O espírito nacionalista era comum não só na cidade de São Paulo, mas em todo o país e na América, e passou a manifestar-se na construção de edificações que buscavam uma arquitetura identificadora da nacionalidade (SEGAWA, 2010). O partido arquitetônico relembra a imagem da arquitetura do período colonial com seus beirais largos, cachorros bem desenhados, sacadas, treliças, telhas de canal, frontões curvilíneos, vergas em arco, belos painéis de azulejos, entre outras características do período colonial, somadas a atualizações, tais como o uso da alvenaria de tijolos e dos telhados com planos mais recortados (ver figura 1).

O marco de lançamento do movimento neocolonial foi realmente a conferência "A Arte Tradicional no Brasil", realizada em 1914, na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, por Ricardo Severo. No entanto, para Carlos Lemos, Dubugras também teve grande importância no início desse movimento, pois ignorou o mostruário de elementos de composição das construções históricas, registrados por José Wasth Rodrigues, e "renovou" o barroco resgatado por Ricardo

Severo, criando, assim, um estilo colonial “modernizado”, copiado por muitos outros arquitetos da época.



Figura 1 – Residência neocolonial do senhor Sylvio Suplicy, projetada pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello, na região do “Jardins”, em 1941.

Fonte: Revista “Acrópole”, n.34. São Paulo: 1941, p.355

3. A racionalização da arquitetura

A partir da segunda década do século XX, logo após a Primeira Guerra, devido à dificuldade de acessos a materiais construtivos e à mão de obra de qualidade, a produção de residências no padrão eclético “tradicional francês” diminuiu bastante, e o modelo neocolonial passou a mostrar-se mais simples, com detalhes de ornamentação “barroca” optativos e, por isso, ele se difundia mais facilmente por toda a cidade e também em seu entorno.

Nessa época, o programa funcional dos casarões da burguesia, na arquitetura eclética, em todos os seus estilos formais europeus, não mostrava grandes alterações, e seguia os mesmos padrões

de organização dos casarões do século anterior (LEMOS, 1989). Porém, o tamanho da casa diminuiu bastante. Essa racionalização da arquitetura fez com que os ambientes ficassem mais compactos e mais bem planejados. Além disso, a área social da casa diminuiu, pois a vida social da nova burguesia dessa época passava a acontecer, cada vez mais, fora de casa. Sendo assim, muitos ambientes da área social passaram a perder a sua função e desapareceram.

A racionalização dos espaços internos e dos volumes na arquitetura da década de 30 alinhava-se com um novo movimento artístico da época: o *art déco*. Esse movimento já era conhecido pelos europeus desde 1925, a partir da Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, ocorrida em Paris, mas demorou um pouco mais para chegar ao Brasil. A arquitetura *art déco* caracterizava-se por linhas verticais, rigor geométrico e escalonamento de planos, criando volumes sobrepostos.

O concreto armado, que até então havia sido muito pouco usado na arquitetura brasileira, passou a ser empregado de forma mais frequente. Na década de 30, o seu uso facilitou a criação arquitetônica dentro dos novos padrões estéticos e, desde então, passou a ser muito importante na construção de casas da classe média e edifícios públicos, mesmo que coberto e escondido por outros revestimentos considerados mais nobres.

A popularização do *art déco* fez diminuir a aplicação do partido neocolonial nas construções da classe média em São Paulo. O contexto da época demonstrava a valorização e a necessidade de uma arquitetura bem mais funcional, ajustada às novas ideias de Le Corbusier, que já havia apresentado, na Europa, um conceito revolucionário de casa e uma nova forma de morar. Assim, o *art déco* manifestou-se como uma verdadeira “ponte” entre o Ecletismo e o Modernismo, denominado também Futurismo ou Protomodernismo.

No entanto, o *art déco* era visto somente em edifícios públicos e residências da classe média. A casa neocolonial, mesmo que de forma mais simplificada e racionalizada, continuou sendo a opção arquitetônica preferida da elite paulistana durante toda a primeira metade do século XX, e seu partido arquitetônico caracterizava e identificava os bairros mais nobres da cidade de São Paulo.

4. O *american way of life*

As primeiras décadas do século XX foram suficientes para trazer à cidade e à sociedade paulistana novidades e transformações revolucionárias, com consequências óbvias e inevitáveis ao modo de vida cotidiano.

A utilização residencial da energia elétrica, primeiramente nas casas de famílias mais abastadas, trouxe a possibilidade do uso de equipamentos que mudariam o dia a dia e o ritmo da vida doméstica em São Paulo e outras metrópoles brasileiras. Eis alguns deles: o ferro elétrico, popularizado ao final da Primeira Guerra Mundial, o rádio e o ventilador, na década de 20; a geladeira elétrica (ou refrigerador elétrico), o aspirador de pó, a enceradeira, o secador de cabelo e a bateadeira de bolo, na década de 30; o liquidificador e o fogão elétrico, na década de 40; e a máquina de lavar, o fogão a gás e a televisão, que seriam realmente usados somente a partir da década de 50. (FARIAS, AYROSA, CARVALHO, ABRAMOVITZ, FRAIHA, 2006; LEMOS, 1996). Quase todos esses equipamentos eram importados da Europa e dos Estados Unidos, eram caros e, por isso, de uso comum somente nas casas da elite paulistana (ver figura 2).



Figura 2 – Propaganda na revista “Cigarra”, em 1914, mostrando a necessidade do uso de produtos eletrodomésticos para se possuir uma casa moderna, valorizada pela higiene e pelo conforto. Fonte: Revista “Cigarra” – propaganda digitalizada em

http://martaiansen.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html - copiada em 04-04-2015.

Ser “moderno”, nessa época, era seguir o modelo da maneira de viver da alta classe norte-americana. O modo de vida “à francesa” foi vagarosamente perdendo seu encanto, principalmente para as novas gerações. Os costumes norte-americanos, as máquinas, os carros e os aparelhos eletrodomésticos eram retratados por meios de comunicação, ainda inexistentes no século anterior. Revistas de grande reprodução, tais como “Revista Feminina” e “Cigarra”, passaram a ser importantes meios de divulgação dos novos códigos sociais para a família moderna, que tinham como público leitor principal a mulher da classe social alta.

Além de informações de como ser uma “boa dona de casa”, ser uma “boa esposa” e dicas para educar os filhos, essas revistas traziam fotos de pessoas ricas e influentes da sociedade, além de artigos sobre decoração, moda, arte, etiqueta, propagandas de produtos de limpeza, equipamentos elétricos e tudo mais que fosse importante ao lar da “mulher moderna” (ver figura 3).



Figura 3 – Capa da revista “Cigarra”, edição 3, do ano de 1914, mostrando a imagem da “mulher moderna”: uma boa dona de casa e boa esposa, mas preocupada também com a moda e sem receio de expor a sua sensualidade. Fonte: Revista “Cigarra” – capa, edição 3, 1914.

<https://patinadotempo.wordpress.com/2010/01/19/cigarra-natal-rio-grande-do-norte-1928-30/> - copiada em 04-04-2015.

Esses artigos e propagandas, em meios de comunicação focados a interesses exclusivamente femininos, demonstravam as novas conquistas da mulher na sociedade da década de 20 e a influência da cultura norte-americana.

Nesse período de industrialização, intensificação do comércio, novas opções de lazer e de serviços, o modo de viver mudou não somente dentro de casa, na estrutura familiar, mas também fora dela, com a frequência em cafés, restaurantes, teatros, cinemas e clubes (MORSE, 1970). Esse novo costume, adotado pela elite social e intelectual de São Paulo, levou a vida social a sair de dentro da casa para ocorrer em espaços atrativos e elegantes da cidade. Assim, ir ao cinema e ao teatro passou a ser importante não somente no aspecto cultural, mas também no social. Portanto, locais como esses, para “ver e ser visto”, passaram a ser interessantes tanto aos homens quanto às mulheres.

5. O programa da casa neocolonial

No programa das casas neocoloniais racionalizadas da primeira metade do século XX, alterações ocorreram devido às mudanças na vida social da elite paulistana, às influências norte-americanas e ao uso dos eletrodomésticos.

Como novidade, na área externa da casa, nas primeiras décadas, já surgiu uma área coberta para o estacionamento do automóvel ao lado da porta de entrada ou à frente da casa, conforme as residências da elite norte-americana. Essa opção permitia ao proprietário mostrar à sociedade o seu automóvel, em vez de escondê-lo ao fundo da casa.

Uma varanda, muitas vezes chamada de “terraço”, era comum na entrada principal dessas casas, como já se via em casas ecléticas de décadas anteriores. Ela dava acesso direto à sala de visitas, que se tornou o único ambiente social da casa voltado à recepção de visitantes. Porém, na década de 20, a elite paulistana já tinha a sua vida social ocorrendo muito mais fora de casa do que dentro e, por isso, a sala de visitas raramente era aberta e utilizada. Com o tempo, pela necessidade de racionalização, esse espaço passou a ser reutilizado, porém como um ambiente de uso cotidiano da família. Assim, o termo “sala de visitas” passou a ser substituído por “sala de estar”.

A sala de estar dava acesso à sala de jantar e, na década de 20, nas casas mais abastadas da cidade, era nesse ambiente que a família passou a ouvir o rádio, aparelho criado no início do século para uso militar. O rádio reunia a família na sala de jantar para ouvir rádio-novelas, notícias culturais e científicas, recitais de poesia, músicas, programas educacionais e propagandas, ainda tudo voltado somente ao público da alta classe social, que podia ter acesso a esse aparelho. Inicialmente, o estilo musical que se ouvia era apenas música clássica e óperas (FARIAS, AYROSA, CARVALHO, ABRAMOVITZ, FRAINHA, 2006). Alguns anos depois, quando foi acoplado à vitrola, o rádio substituiu o piano, sempre presente nas antigas casas ecléticas da alta classe paulistana.

O rádio aperfeiçoou-se e logo foi acoplado às vitrolas de 78 rotações e de agulhas de aço cambiáveis periodicamente. Assim, o som eletrônico começou a dominar o lazer doméstico, substituindo o piano com muito proveito porque era acessível a qualquer momento do dia ou da noite, ao contrário dos outros instrumentos musicais dependentes da boa vontade dos intérpretes da família (LEMOS, 1996, p.67).

O mobiliário requintado europeu continuava presente nas salas de estar e de jantar, no entanto, com o passar dos anos, a necessidade de espaços mais simplificados e racionalizados buscou também um padrão de mobiliário com linhas mais retas e de formas geométricas, ao estilo *art déco*, sem a preocupação exagerada com a ostentação. Passou a ser comum, na sala de estar, o uso de lareiras, mais como uma peça decorativa do que funcional, além de luminárias europeias e de quadros e tapetes, também importados, com imagens de paisagens românticas (VERÍSSIMO, BITTAR, 1999).

A ligação direta entre as salas de estar e de jantar era feita através de paredes com grandes passagens em arcos, o que contribuía para a impressão de uma área social mais ampla, permitindo a difusão do som do rádio e da vitrola por todo o setor social (ver figura 4).

Porém, nem sempre essas salas eram ligadas diretamente. Em alguns projetos, a partir da década de 30, o *hall* passou a ter uma função de espaço “divisor” de ambas, além de manter a sua antiga função de espaço “distribuidor”, já que nele se localizava a escada de acesso ao pavimento superior, onde ficava o setor privativo da casa, assim como o modelo eclético francês.

A partir da década de 50, com o surgimento dos primeiros aparelhos televisores no Brasil, restritos somente às famílias mais abastadas, instalados nas salas de estar, ocorreu uma importante mudança no desenho do setor social das casas da elite da época. Houve a necessidade de

eliminar totalmente a parede e quaisquer outros obstáculos visuais que separavam a sala de estar da sala de jantar, para que aqueles que se alimentavam na mesa de jantar também tivessem acesso às imagens da televisão. Dessa forma, a sala de estar uniu-se definitivamente à sala de jantar e tornou-se o espaço mais usado no dia a dia da família. A antiga “sala de visitas” desapareceu por completo, transformando-se, na verdade, em um *living room*. Com o passar dos anos, a televisão popularizou-se, e essas alterações espaciais tornaram-se necessárias também nas residências da classe média.



Figura 4 – Passagem em arcos da sala de estar para a sala de jantar, na residência neocolonial do senhor Sylvio Suplicy, projetada pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello. Fonte: Revista “Acrópole”, n.34. São Paulo: 1941, p.357

A escada, quase sempre presente no *hall*, dava acesso a um *hall* superior, responsável pela distribuição aos quartos, toucador¹, quarto de costura, banheiro, entre outros ambientes privativos da casa.

Dentro dos quartos, ocorreram alterações somente em relação ao mobiliário que, assim como em toda a casa, passou a ter linhas retas e formas geométricas, substituindo as antigas formas rebuscadas.

¹ O toucador era um ambiente comum nas casas ecléticas como um espaço usado para se vestir, pentear os cabelos, maquiarse e adornarse, sempre com o auxílio de um espelho em uma penteadeira.

Percebe-se, também, a preocupação dos arquitetos da época em posicionar os quartos e alguns outros espaços sociais dentro do lote, de maneira a receber a iluminação solar durante a maior parte do dia.

O banheiro do pavimento superior, a partir da década de 20, já se mostrava completo: com a função conjunta de sala de banho e de *water closet*. No pavimento inferior, era mais comum encontrar apenas um *water closet*.

A copa ainda continuava a ser um importante espaço de apoio à cozinha, assim como um ambiente de separação entre o setor social e o de serviço.

A cozinha sofreu grandes mudanças estéticas e funcionais no decorrer das décadas da primeira metade do século XX. A industrialização, a preocupação com a racionalização espacial e a chegada dos eletrodomésticos transformaram as necessidades desse ambiente e, por isso, a partir da década de 30, novas operações ocorriam na cozinha e exigiam um espaço de trabalho mais eficiente, como já se via nas cozinhas europeia e norte-americana.

Para atender às novas operações da cozinha, os eletrodomésticos precisavam também estar em harmonia com um mobiliário mais ergonômico e contínuo, compondo um ambiente que facilitasse a utilização dos novos equipamentos e a circulação dentro desse espaço. Nele, todo o trabalho deveria produzir o máximo em quantidade e qualidade, exigir o mínimo esforço, com o menor desperdício de tempo possível, de acordo com os ideais “modernos”.

No entanto, essas transformações puderam ser possíveis, inicialmente, apenas em casas da alta classe paulistana, pois, para o funcionamento da “cozinha racionalizada”, era necessário não somente um projeto interno do ambiente, mas o acesso a uma infraestrutura urbana que permitisse o seu funcionamento, através do abastecimento hidráulico, elétrico e de gás.

O fogão a gás foi logo adotado pelas famílias burguesas, porém sem se desfazer do fogão à lenha, ainda opção de uso no cozimento de alguns alimentos. A geladeira (ou refrigerador) passou a ser indispensável. Com ela, tornou-se possível armazenar alimentos e comprar mais, conforme o modo de vida norte-americano (VERÍSSIMO, BITTAR, 1999). Dessa forma, o planejamento e a organização dos móveis da cozinha eram sempre pensados a partir da localização de três pontos: pia, fogão a gás e geladeira.

Quanto a essas mudanças na “nova cozinha”, Maria Cecília Naclério Homem escreveu um artigo para a Revista Pós, com o título de “O Princípio da Racionalidade e a Gênese da Cozinha Moderna”, como se lê nos textos a seguir:

Definia-se, assim, a cozinha racional: aquela que é especialmente organizada e ocupa um espaço reduzido, em vista da economia de tempo e de energia humana. Deve ser clara, arejada e bem iluminada por janelas e luzes noturnas, e ter aspecto alegre. Considera três grandes centros de atividades: armazenamento e conservação; limpeza e preparo; cozimento e serviço, apresentando-os em perfeita conexão entre si, mediante a melhor disponibilidade do equipamento e das janelas, além de relacioná-los com as peças que compõem a habitação. O trabalho será simplificado pela disposição e pela automação dos aparelhos auxiliares. Móveis e aparelhos se integram às superfícies contínuas e compactas, contidos todos em um espaço menor e mais bem utilizado, apto a atender à necessidade de economia de passos e de movimentos do usuário (HOMEM, 2003, p.126).

Desde as primeiras décadas do século XX, revistas voltadas ao público feminino das famílias mais abastadas sempre procuraram mostrar a importância de uma cozinha limpa, bem organizada e repleta de novos utensílios importados de última geração, para facilitar o trabalho da mulher, porém foi só a partir da década de 30 que estudos realizados por arquitetos fortaleceram essa ideia. Na Revista Acrópole, uma das principais revistas sobre arquitetura do país (1938 – 1971), na edição de junho de 1938, Henrique Mindlin, arquiteto e professor da Universidade Mackenzie, escreveu o importante artigo “Organização Racional da Cozinha”. Nele o autor demonstrava a necessidade de uma cozinha bem planejada, através da disposição de seus móveis e de estudos sobre a circulação de seus usuários (ver figura 5). Nesse mesmo artigo, Henrique Mindlin também explicou como o sucesso de um ambiente racionalmente projetado poderia contribuir para a difusão dos conceitos da arquitetura modernista, defendida por ele e por outros jovens arquitetos da época.

O resultado, na prática, do uso de uma cozinha racionalmente organizada compensa amplamente os esforços expedidos na sua elaboração: o trabalho da dona de casa torna-se mais fácil, mais agradável e mais rápido; além disso, o argumento da eficiência permite a redução da área destinada à cozinha, com conseqüente diminuição do preço da construção. E mais que isso, pode-se dizer que o estudo cuidadoso da cozinha é o meio mais direto de levar ao conhecimento do grande público alguns princípios da arquitetura moderna, demonstrando como, através do estudo rigoroso das suas funções, um local, geralmente feio e desagradável, pode ser transformado em uma peça agradável, convidativa, que eleva o nível do trabalho caseiro e lhe dá um conforto compatível com o progresso material do nosso tempo (MINDLIN, 1938, p.22).

Na década de 50, o cinema apresentou a “cozinha americana”: modelo de cozinha integrado à área social da casa. Esse arranjo não foi bem aceito pelos brasileiros de uma forma geral, muito menos pela elite da sociedade. Alguns estudos justificam essa reação devido ao fato de a culinária brasileira ser repleta de muitas frituras e odores de temperos fortes, como se vê no livro “500 Anos da Casa Brasileira” (1999), de Francisco Veríssimo e William S. M. Bittar. No entanto, sempre foi presente, na cultura brasileira, desde o período colonial, a necessidade de separar o serviço da área de uso social do proprietário da casa, e, provavelmente, esse tenha sido o motivo mais relevante para a recusa dessa inovação funcional.

Mesmo assim, a cozinha aproximou-se da sala de jantar, ficou mais limpa e mais bonita. Além do mobiliário moderno e dos eletrodomésticos, que criaram um novo padrão estético no ambiente, surgiram novos revestimentos cerâmicos com desenhos coloridos para a parede, produtos de fácil limpeza e mais atraentes.

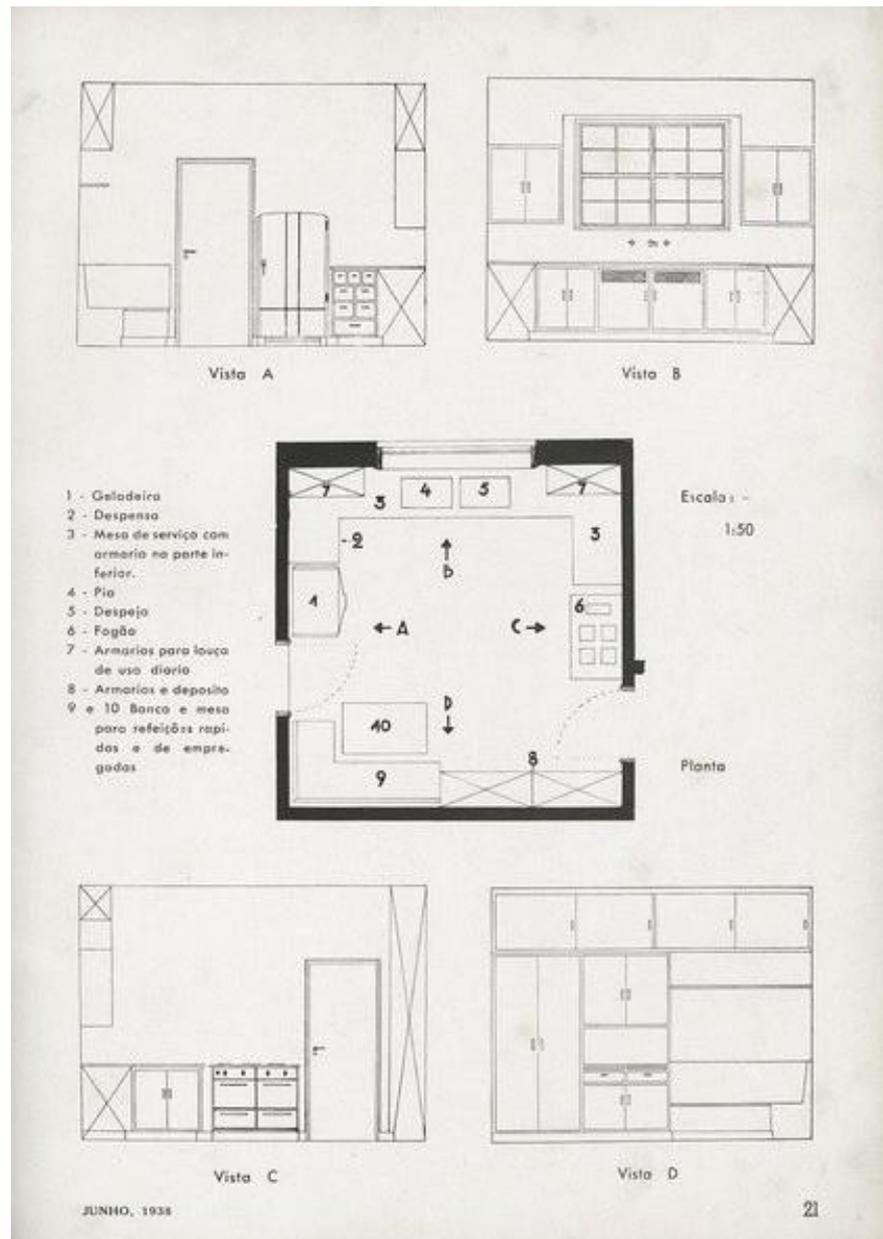


Figura 5 – Planta e vistas do estudo de composição do mobiliário da cozinha, realizado pelo arquiteto Henrique Mindlin, e apresentado no artigo “Organização Racional da Cozinha”. Fonte: Revista Acrópole, n.2. São Paulo: 1938, p.21

Com a industrialização, o uso dos eletrodomésticos e a diminuição do tamanho das famílias, o quintal deixou de ser uma área importante para o fornecimento domiciliar de alimentos, pois a indústria introduziu o benefício de produção de muitos desses alimentos que antes eram elaborados em casa. Ter um galinheiro, um pomar ou uma horta já não era tão importante, pois havia sempre um mercado próximo à casa, e o alimento comprado poderia ser armazenado na

residência por mais tempo. O quintal continuou sendo a área para o lazer da família, para guardar o carro e, muitas vezes, aos fundos, para uma edícula onde dormiam os serviçais e ocorria o serviço de lavagem das roupas, para depois serem estendidas no varal.

6.A arquitetura modernista em São Paulo

A necessidade de se ter uma identidade brasileira na arquitetura e na arte era bem nítida desde o início da década de 20, com a difusão do Neocolonialismo. Esse “espírito” era encontrado também na literatura e nas artes plásticas, através de jovens artistas, criando e fortalecendo um novo movimento, que seria chamado de Modernismo.

Entre os historiadores existe um consenso de que o marco inicial do movimento modernista no Brasil ocorreu em São Paulo, em dezembro de 1917, com a exposição de pinturas da artista Anita Malfatti. Essa exposição provocou uma reação negativa entre os críticos, que defendiam o estilo tradicional e acadêmico. Por outro lado, chamou a atenção dos jovens intelectuais que se solidarizaram com a pintora e se articularam na criação do primeiro grupo modernista brasileiro, colocando em debate os conceitos conservadores no meio artístico em geral e propondo a renovação do ambiente cultural. A primeira importante manifestação desse grupo foi a Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo (SEGAWA, 2010).

Hoje, passados quase cem anos, pode-se ter mais clareza sobre os acontecimentos da época. A aparente contradição entre a necessidade de identidade, em contraponto com a modernidade, traduz uma nova visão do passado, só possível com a superação dos convencionalismos criada pelo Modernismo. Assim, a eclosão da Semana de Arte Moderna ocorreu com transposições francesas de Anita Malfatti, que conviviam com as ideias da Antropofagia de Mário de Andrade, em uma mistura da cultura moderna internacional e a reavaliação das tradições do Brasil colonial, antes escondido pelas elites.

A Semana de Arte Moderna em São Paulo não propôs nenhuma mudança na arquitetura brasileira. O nome “moderno”, na arquitetura, ainda era um adjetivo vinculado à arquitetura neocolonial racionalizada. Somente em 1925, dois artigos escritos pelos arquitetos Rino Levi e Gregori Warchavchik trouxeram ideias alinhadas à vanguarda moderna europeia, lideradas por Le Corbusier, Walter Gropius, Mies Van der Rohe, o arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright, entre outros.

No artigo “A Arquitetura e Estética das Cidades”, publicado no jornal “O Estado de São Paulo”, Rino Levi chamou a atenção para a nova arquitetura prática e econômica, caracterizada por linhas e volumes simples e pelo uso de materiais diferentes, com novas técnicas construtivas. No artigo “Acerca da Arquitetura Moderna”, publicado no jornal carioca “Correio da Manhã”, Gregori Warchavchik elogiou o racionalismo das máquinas e ressaltou a importância da standardização dos elementos arquitetônicos. Ambos propunham não somente novas ideias formais, mas colocavam em debate as questões econômicas na construção e a importância da velocidade na produção de edifícios, que poderia ser melhorada com o uso de novas tecnologias. No entanto, essas publicações não mudaram em nada o pensamento da maioria dos arquitetos da época, mas foram textos guardados para, mais tarde, serem resgatados pela historiografia do Modernismo, dessa forma tornando possível comprovar as ideias registradas na arquitetura desses dois arquitetos (SEGAWA, 2010).

A residência construída nos moldes da arquitetura modernista de Le Corbusier demorou a ser aceita em São Paulo. Foi somente a partir da década de 50 que uma parte da burguesia industrial e da elite intelectual realmente passou a aceitá-la como modelo de arquitetura residencial². Esse fenômeno ocorreu, principalmente, após a primeira exposição da arquitetura modernista brasileira no MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova York), em janeiro de 1943, denominada “*Brazil Builds*”. Esse evento teve total incentivo do governo dos Estados Unidos e procurava ilustrar as diversas manifestações da cultura arquitetônica no país. Porém, ele ocorreu devido a óbvios interesses políticos, durante o período pós-guerra, quando os Estados Unidos, claramente, buscavam promover uma aproximação diplomática com o Brasil³ (CARRILHO, 1998).

A exposição “*Brazil Builds*” começou em Nova York e circulou por várias cidades norte-americanas, Toronto, Cidade do México, Londres, entre outras, durante quase dois anos. No Brasil, também foi apresentada, inicialmente, na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, em Belo Horizonte, São Paulo, Santos, Campinas, Jundiaí, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Ela mostrava fotos da chamada arquitetura brasileira “antiga”, que contava um pouco da história da arquitetura no país, e da arquitetura modernista de “vanguarda”, que se produzia naquele momento, exaltando, principalmente, obras modernistas progressistas da produção carioca. Esse

² Pode-se notar esse fenômeno, acompanhando o histórico das edições da revista Acrópole. A partir das edições de 1950, percebe-se a valorização do estilo modernista de Le Corbusier e o aumento de construções nesse padrão formal racionalista.

³ Além do interesse diplomático de aproximação entre os dois países, é bem provável que houve, também, um interesse norte-americano de que nenhum país latino-americano, em especial o Brasil, descobrisse a sua identidade nacional. Sendo assim, na arquitetura, a produção do modelo internacional de Le Corbusier, nos países latino-americanos, era interessante para os Estados Unidos, além de contribuir com a quebra de vínculos coloniais desses países com os países europeus.

evento teve repercussão mundial, com elogios da revista norte-americana “*Life Magazine*” e do jornal “*New York Times*” (CARRILHO, 1998). No Brasil, essa exposição contribuiu para apresentar, à própria população, a nova arquitetura, inovadora nas técnicas construtivas e no desenho chamado de “futurista”, baseada nos conceitos de Le Corbusier. Devido ao impacto da exposição e à reação positiva internacional, ela contribuiu, também, para fortalecer e impulsionar a produção desse modelo arquitetônico no país e, em contrapartida, desvalorizar tudo aquilo que não estivesse conforme esse padrão.

Tudo isso era o reflexo de um novo tempo e de uma nova maneira de morar, aceita e adotada ainda por poucos representantes da burguesia paulistana, pois a maioria ainda via a arquitetura eclética, mesmo que racionalizada, como símbolo de riqueza e *status* perante à sociedade.

Referências bibliográficas

CARRILHO, Marcos. **Brazil Builds – 55 Anos de Exposição**. In: *PiniWeb*. São Paulo, 01/04/1998.

<http://piniweb.pini.com.br/construção/noticias/brazil-builds---55-anos-da-exposição-84648-1.aspx> - acesso em 04-06-2015.

FARIAS, Claudio Lamas de; AYROSA, Eduardo; CARVALHO, Gabriela; ABRAMOVITZ, José; FRAIHA, Sílvia. **Eletrodomésticos – Origens, História & Design no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fraiha, 2006.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. **O Princípio da Racionalidade e a Gênese da Cozinha Moderna**. In: *Revista Pós*, n. 13, São Paulo: FAU USP, 2003. p. 124-154

_____. **O Palacete Paulistano – e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

LEMOS, Carlos. **Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café**. São Paulo: Editora Nobel, 1989.

_____. **História da Casa Brasileira**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

MINDLIN, Henrique. **Organização Racional da Cozinha**. In: *Acrópole*, n.2. São Paulo: 1938, p. 19-22.

MORSE, Richard. **Formação Histórica de São Paulo – da comunidade à metrópole**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 2010.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. **500 Anos da Casa no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1999.